

Psicologia, Relações Raciais e Pensamento Pós-colonial em sentido dialógico

Cássia Virgínia Bastos Maciel

Mestranda do Pósafro/FFCH/Universidade Federal da Bahia

cassia.virginia@gmail.com

O presente trabalho busca refletir sobre a possibilidade dialógica entre os campos da Psicologia e dos Estudos Pós-coloniais e sua contribuição na elaboração de outras questões e perspectivas em relação às abordagens sobre as Relações Raciais no Brasil, isto pode proporcionar a ampliação de olhares sobre o tema, bem como estímulo às discussões sobre um maior engajamento da Psicologia na formação de profissionais atentos a contribuir tanto individual, quanto coletivamente, em sentido ético, para o direcionamento do interesse profissional e científico da Psicologia.

Vivenciamos historicamente no Brasil contextos sociais diversos, e profundamente desiguais, perpassados por hierarquizações de grupos e sujeitos. Isto tem demandado, não apenas, mas também à academia, em diálogos com outros saberes, o aprofundamento de análises das relações sociais em diversas dimensões, nesse sentido, a Psicologia, enquanto Ciência e Profissão, tem sido solicitada constantemente a fornecer subsídios à interpretações.

Possui significativa demanda e inserção social em nosso país, a exemplo do campo da qualificação profissional, no qual o Conselho Federal de Psicologia/CFP (2007), reconhece a especialização para atuação de psicólogos (as) em 11(onze) áreas, somam-se ainda a estas, uma diversidade de subcampos teóricos e práticas profissionais. Por outro lado, no campo epistemológico, uma característica que podemos considerar como central na Psicologia, é seu caráter fragmentado, como um “espaço de dispersão de saber” (Roza, 1977, sp) isto para se referir à sua diversidade de teorias, objetos e métodos.

Tomamos, por um lado, a ampla inserção da Psicologia, e por outro, o caráter estruturante de desigualdades sociais no Brasil para argumentar em favor de uma Psicologia mais atenta a estas questões e mais atuante no combate ao racismo como condição fundamental para o desenvolvimento nacional. Na atualidade nos cabe atentar para os possíveis dos subsídios produzidos por teorias e práticas psicológicas dispersas na sociedade, ou seja, o que este tipo de racionalidade tem legitimado, se o fornecimento e utilização de ferramentas ideológicas voltadas para o ‘controle’ e manutenção de desigualdades individuais e coletivas, com

objetivos específicos em suas diversas áreas de atuação, ou mesmo como parâmetro emancipatório no sentido de criar as condições necessárias às ‘falas’ (SPIVAK,2010), em dimensões diversas, de sujeitos que até então figuravam como ‘objeto’ dos estudos psicológicos.

Transcender esta perspectiva nos leva a considerar o diálogo com os estudos pós coloniais, os quais, entre outras caracterizações, se configuram como uma crítica epistemológica a essencialismos e universalismos dominantes na interpretação e narrativas sociais no contexto da colonialidade. Hall (2009), refletindo sobre o uso, cada vez mais comum do termo ‘pós-colonial’ e sua abordagem por diversos autores, aponta tanto a centralidade de se pensar a ‘diferença’, quanto os investimentos inconscientes em torno desta, num “(...) *processo geral de descolonização que, tal como a própria colonização, marcou com igual intensidade as sociedades colonizadoras e as colonizadas (de forma distinta é claro).*” (Hall, 2009, p.101).

Embora chame atenção para possíveis aplicações inapropriadas do termo, que se tornou popular, não se trata de aplicá-lo livremente, mas de destacar que este pensamento pode contribuir à reflexão atual sobre uma Psicologia ‘comprometida socialmente’ (BOCK,2009) em perspectiva diversa da mentalidade colonial de seu histórico no Brasil pois ao nos referirmos à colonialidade como contexto da produção de conhecimentos, encontramos “(...) *um desejo interessado em manter o sujeito do ocidente,ou o Ocidente como Sujeito.*” (SPIVAK,1990).

Compreendemos que ‘culturas colonizador/colonizado nunca operaram de forma apartada, contudo esta dicotomia e sua ampliação para dimensão subjetiva tem sido ferramenta de hierarquização de sujeitos no campo cultural, mas não só, trazendo desdobramentos nas teorias,áreas de conhecimento, objetos, métodos e práticas Psicológicas. Refletir sobre a ‘colonialidade’ como meio de construir novas abordagens significa exercer o trabalho crítico sobre explicações da constituição do mundo psicológico individual e coletivamente, não exclusivamente por suas próprias ferramentas, como se estas pudessem por si só explicar-se, mas de maneira a transcendê-las no que relaciona a sua postura diante ‘monoculturalismo pan- europeu’, pensado como singularidade civilizacional (SODRÉ, 2012,p.19).

Nesse sentido, no aspecto da subjetivação,mas não apenas, pensadores fundamentais ao pensamento pós-colonial no campo da relações raciais, através de trabalhos de altíssima relevância, a exemplo de *'Peles Negras, máscaras brancas'* (2008) de Frantz Fanon, *'Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento'* de Alex Ratts (2006) sem pretensão de serem definitivos, apontam para a superação da colonialidade como sistema de pensamento.

Destacamos a pertinência da contribuição destes trabalhos à Psicologia em sua diversidade de saberes devido, entre outras, à possibilidade de seu aporte para compreensão tanto da dimensão psicossocial, quanto da experiência subjetiva individual no contexto destas relações e seu incremento a novas perspectivas em pesquisas e práticas psicológicas. Ambos desenvolveram trabalhos pujantes e contundentes no desvelamento dos mecanismos do racismo e percalços da subjetivação negra no contexto da colonialidade. Percebemos na proposta fanoniana um sentido de reinvenção das relações sociais, raciais, da produção de conhecimento, convergindo com o que Beatriz denomina de “reiniciação”(RATTS,2006). Indivíduo e coletivo estão imbricados, nestes conseqüentemente se somam também política e história, bem como a demandas de construção do imaginário nacional. Reinventar, reiniciar toma sentido de rearticulação entre passado, presente e futuro ensejando um novo começo, novo caminho para novos sujeitos e sua diversidade que incluem, mas também estão, para além das questões raciais.

Dessa forma, no que se refere à Psicologia, o arcabouço teórico pós-colonial, aqui ainda superficialmente abordado, pode fornecer bases argumentativas para análise da dimensão cultural, e para além, na conformação das ideias psicológicas no Brasil histórica e atualmente. Por outro lado, pode sugerir um posicionamento ético-epistemológico e metodológico de psicólogos/as no sentido de uma “mobilização política anticolonial” (HALL,2008, p.102). Não com vistas à constituição, que vemos como inimaginável, de um pensamento psicológico completamente isento da experiência colonial, visto a fluidez de suas fronteiras e imprecisão nas tentativas de delimitação histórica e conceitual, mas à consideração da experiência colonial na constituição da Psicologia no Brasil e sua pertinente ‘descolonização’.

Referências Bibliográficas

BOCK, Ana Mercês Bahia. Psicologia e sua ideologia: 40 anos de compromisso com as leites. In Psicologia e o Compromisso Social/Ana Mercês Bahia Bock(org.).- 2 ed.rev.-São Paulo:Cortez, 2009.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA/CFP.Resolução CFP N.º 018/2002. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação ao preconceito e à discriminação racial.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas/ Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira.- Salvador: EDUFBA, 2008. 194 p.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio.M. Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos - 4. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GILROY, Paul. 1956 -. O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência/Paul Gilroy; tradução de Cid Knipel Moreira. - São Paulo:Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001. 432 p.

HALL, Stuart.Da Diáspora: identidades e mediações culturais/Stuart Hall; Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende...[et al.]. 1ª edição atualizada - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. 410 p.(Humanitas)

RATTS, Alex. Eu sou atlântica sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento/Alex Ratts. Instituto Kwanza. Imprensa oficial. São Paulo, 2006.

ROZA, Luis Alfredo Garcia. Psicologia, um espaço de dispersão do saber. Rádice—Revista de Psicologia. Rio de Janeiro: ano, v. 1, 1977.

SODRÉ, Muniz. Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes/ Muniz Sodré.- 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SPIVAK, G. C.,1942- Pode o subalterno falar?/ Gayatri Chakravorty;tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos pereira Feitosa, André Pereira Feitosa-Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.